

A PERSUAÇÃO DE GÓRGIAS: A PERSONA PLATÔNICA NO PALCO ATENIENSE

ADRIANO MACHADO RIBEIRO

Universidade de São Paulo

Provavelmente nascido em Leontino, na Sicília, no século V a.C., Górgias é visto por nós a partir de focos diversos. Dado o fato de ser personagem e título de um dos diálogos de Platão – além de ser por este mencionado em passagens outras – os contornos de sua *persona* são delineados muita vez tendo tal ponto de partida. Embora alguns poucos textos de Górgias tenham chegado até nós, a leitura destes geralmente se faz sob a ótica das questões apresentadas pela personagem de Platão. É evidente que se não pode nem se deve procurar reencontrar o verdadeiro Górgias em meio a tal torvelinho, mas talvez, mesmo assim, ainda seja possível configurá-lo mais próximo daquilo que os textos atribuídos a ele apresentam para melhor delinear este autor. Desse modo, se, por exemplo, analisássemos a *Apologia de Palamedes*, caberia a pergunta: a persuasão seria o escopo central de Górgias? Tal questão, no entanto, não parece antes demandar o cenário e a trama pela qual se modela esta interrogação a partir da personagem platônica? Não seria preciso, pois, verificar como na urdidura de Platão ela se apresenta? Não caberia, talvez, antes de buscar responder tais questões, se perguntar por que se faz tal pergunta?

Se se parte da personagem do diálogo, sabe-se que o Górgias de Platão, em certo momento, é levado por Sócrates, seu interlocutor, a definir qual *tékhnē* lhe é própria. Depois de intervir na conversa inicial de Querefonte com Polo, pois este, segundo ele, se restringe a elogiar o que faz, sem nomear o que seja isso¹, é o próprio Sócrates quem afirma, em contraposição firmada, mas não explicada, o procedimento equívoco de

¹ PLATÃO. *Górgias*, 448c-e.

Polo. Assim, Sócrates solicita a substituição de Polo por Górgias. Ao fazê-lo de imediato nomeia e, ao nomear, desqualifica a atitude de Polo como inadequada para definir sua prática. Ao contrário, o uso do *dialégesthai*, no infinitivo, é um contraponto que implica uma disponibilidade a agir corretamente em busca de definição². Nesse sentido, a *rhetoriké*³ é inicialmente mencionada como prática ancorada na polaridade elogio/vitupério sem se preocupar em delimitar a razão de fazê-lo. Desse modo, Sócrates, depois de nomear a atividade de Polo, insiste que o próprio Górgias passe a responder as questões por ele formuladas:

S.: Não. Se você mesmo quisesse responder, seria muito mais agradável, pois está claro para mim, a partir do que disse, Polo se dedicar muito mais à chamada retórica do que a dialogar P.: Por quê, Sócrates? S.: Porque, Polo, quando Querefonte perguntou qual a arte da qual Górgias é sabedor, você elogiou esta arte como se alguém a criticasse, mas você não respondeu qual ela é. P.: Mas eu não respondi ser ela a mais bela? S.: Certamente. Mas ninguém perguntou de que tipo é a arte de Górgias, mas o que ela é e como se deve chamar Górgias.⁴

² No *Górgias* não há em momento algum qualquer registro da palavra *διαλεκτική*, nem mesmo se define a prática como diálogo, pois Platão insiste no uso do verbo *dialogar*. É o dialogar como ação, *ἔργον* urbanamente modelado, que Platão contrapõe à prescritiva retroativa da retórica (*Górgias*, 448d-e). Irwin logo se corrige quando nomeia a atividade socrática no *Górgias* como dialética: “Socratic discussion (*dialektike*, also from *dialegesthai*) is conducted in a dialogue (*dialogos*) by steady and repeated question and answer. Socrates often declares his preference for this kind of discussion over the long speeches of Protagoras and others; *Pr.* 329b, 334c-336d, 347b, *Hmi.* 364b, *Ion* 530d, *Eu.* 6c, *Eud.* 275a. ‘Dialogue’ and his cognates translate *dialegesthai* and its cognates throughout the *G.* [*Górgias*]. This term is a little too specialized to be quite an accurate rendering, since *dialegesthai* can have a quite general range, like ‘conversation’ or ‘discussion’ (this is used to translate *logos*). But in fact it has a fairly specialized use in the *G.* – it refers to the kind of discussion which follows Socrates’ rather definite rules – insisted on e.g. at 462c ff., 495ab – not just to any discussion”. PLATO. *Gorgias*. Translated with notes by Terence Irwin. New York: Oxford University Press, 1989, p. 110-111.

³ Mais à frente, será discutida a questão sobre as implicações de se atribuir tal arte a Górgias.

⁴ Οὐκ, εἰ αὐτῷ γε σοὶ βουλομένῳ ἐστὶν ἀποκρίεσθαι, ἀλλὰ πολὺ ἂν ἥδιον σέ. δῆλος γάρ μοι Πῶλος καὶ ἐξ ὧν εἶρηκεν ὅτι τὴν καλουμένην ῥητορικὴν μᾶλλον μεμελέτηκεν ἢ διαλέγεσθαι. ΠΩΛ. Τί δὴ, ὦ Σώκρατες; ΣΩ. Ὅτι, ὦ Πῶλε, ἐρομένου Χαιρεφώντος τίνος Γοργίας ἐπιστήμων τέχνης, ἐγκωμιάζεις μὲν αὐτοῦ τὴν τέχνην ὡς περ τινὸς ψέγοντος, ἥτις δὲ ἐστὶν οὐκ ἀπεκρίνω. ΠΩΛ. Οὐ γὰρ ἀπεκρινάμην ὅτι εἴη ἡ καλλίστη; ΣΩ. Καὶ μάλα. ἀλλ’ οὐδεὶς ἐρωτᾷ ποία τις ἡ Γοργίου τέχνη, ἀλλὰ τίς, καὶ ὄντινα δεοὶ καλεῖν τὸν Γοργίαν; PLATÃO. *Górgias*, 448d-e.

Na trama de Platão, como se a designação lhe coubesse e não provocasse estranhamento, a personagem Górgias, passando a responder, confirma a atividade atribuída a Polo, seu discípulo. Sendo assim, com naturalidade ele assume ser retórica sua *tékhnē*, concordando com a nomeação socrática de ser ele um *rhētōr*⁵.

Curiosamente, a partir da sugerida crítica socrática à retórica, segundo a qual Polo se lança a discursos em busca de elogios, enreda-se a personagem de Górgias no diálogo em trama articulada por Platão. Por isso não importa tanto discutir o pressuposto do que seja e se existe a própria arte quanto delinear como Górgias cumprirá seu papel na trama: cabe referendar a especificidade articulada entre exibição⁶ e elogio, visto que aquela confirme este para configurar o *éthos* da personagem. Importa ser bom retor, produzindo *lógoi* que agradem a audiência. Assim, os limites do encontro entre Sócrates, Górgias e os demais apenas aludem a *epideixis*, a exibição produtora de discursos, anterior ao diálogo de Platão⁷. Agora, nos limites do diálogo de Platão, encena-se o dialogar. Nesse

⁵ GOP. Τῆς ῥητορικῆς, ὧ Σώκρατες. ΣΩ. Ῥήτορα ἄρα χρή σε καλεῖν; GOP. Ἀγαθόν γε, ὧ Σώκρατες, εἰ δὴ ὅ γε εὐχομαι εἶναι, ὡς ἔφη Ὀμηρος, βούλει με καλεῖν.

⁶ Desde o início, é marcada a prática da personagem Górgias como *epideixis*, exibição para a audiência. Sócrates e Querefonte chegam quando aquele há pouco se exibira, conforme diz Cálicles: (πολλὰ γὰρ καὶ καλὰ Γοργίας ἡμῖν ὀλίγον πρότερον ἐπεδείξατο). Dodds, em nota a este trecho, afirma que o termo *epideixis* parece ser introduzido pelos sofistas (cf. PLATÃO. *Hípias Maior*, 282b-c) para descrever uma demonstração pública de habilidade oratória. Espécimes sobreviventes são a *Helena* e o *Palamedes* de Górgias, além da fábula de Pródico da *Escolha de Hércules* (XENOFONTE. *Memoráveis*, 2, I, 21 et seq.). Em Tucídides a palavra é aplicada com desdém para um discurso ‘exibicionista’ na Assembleia (3, 42, 3). PLATÃO. *Gorgias*. Text, introduction and commentary by E. R. Dodds. Oxford: Oxford Clarendon Press, 1992, p. 189.

⁷ No texto de Platão Sócrates explicitamente contrapõe a exibição ao dialogar: trata-se de responder a perguntas, não exhibir-se a uma audiência: Εὐ λέγεις, ὦ Καλλικλείς. ἀλλ’ ἄρα ἐβελήσειεν ἂν ἡμῖν διαλεχθῆναι; βούλομαι γὰρ πυθέσθαι παρ’ αὐτοῦ τίς ἢ δύναμις τῆς τέχνης τοῦ ἀνδρός, καὶ τί ἐστιν ὃ ἐπαγγέλλεται τε καὶ διδάσκει· τὴν δὲ ἄλλην ἐπίδειξιν εἰς αὐθις, ὥσπερ οὐ λέγεις, ποιησάσθω (447c). Para o contraponto entre *epideixis* e a prática socrática do dialogar, Dodds (PLATÃO, 1992, p. 190) enumera várias ocorrências (*Protágoras*, 329a; *Hípias Menor*, 364b; *Íon*, 530d; *Eutífron*, 6c; *Eutídemo*, 2751; *Protágoras*, 347b). Wardy (WARDY, R. *The Birth of Rhetoric: Gorgias, Plato and their successors*. London: Routledge, 1996, p. 57), de cuja leitura aqui se discorda, argumenta aponta, a partir da apresentação prévia de Górgias apenas mencionada no diálogo, que “the notional ‘feast’ happens outside the *Gorgias*, albeit only a little while before its fictional beginning (476a6): is this a text from which rhetoric has been banished? Socrates explains that Chaerephon is responsible, because he ‘forced’ (*anankasas*) them to spend time in the marketplace (447a8): so the Gorgianic theme of

o elogio deveria ser afastado. O *éthos* que deve modelar Polo e Górgias, sendo outro no procedimento ora requerido, implica pergunta e resposta. Esta deve ser breve e ater-se à questão apresentada⁸. A concordância de Górgias não se restringe, porém, a um mero aceite. É preciso para Platão, ademais, que ele conforme seu *éthos* na breve e curta resposta às exigências próprias do dialogar. A personagem de Górgias curiosamente, então, apesar de reconhecer nem sempre ser possível a tarefa, assume que o fará da melhor maneira possível. O Górgias que Platão torna aqui presente assim se apresenta pela qualificação superior, como se tratasse sempre de exhibir-se e na exibição destacar-se agonisticamente como o melhor: “há algumas respostas, Sócrates, que necessariamente são dadas com longas respostas. Mas ainda assim, eu tentarei, de qualquer modo, ser o mais breve possível, porque mesmo isso é algo que eu afirmo: não há ninguém que possa dizer as mesmas coisas em menos palavras do que eu.”⁹

Sócrates, desse modo, requer outra exibição. Na multiplicidade de sentidos de *lógos*, eles ora aparecem pela quantidade de palavras, poucas ou muitas; ora como diversidade de argumentos ou discursos que se dirijam a ouvintes. De qualquer maneira, lançando Górgias no território da apresentação ao público, Platão modela a personagem em busca do elogio e da qualificação que o distinga: assumindo ser um *rhétor*, fala para ser ouvido sempre como o melhor na apresentação de *lógoi*. O *dialégesthai* de Górgias se modela pelos mesmos parâmetros da atividade retórica que Sócrates desqualificara. Seus *lógoi* se multiplicam de modo a que a personagem se enrede numa direção que colida com

persuasion/compulsion is present in the dialogue from the outset. Socrates is assured that Gorgias will gladly ‘display’ for him again, *epideixato*, 476a6; followed by *epideixetai*, 447b2, *epideixetai*, 447b8, *epideixin*, 447c3, and *epideixeos*, 447c6. This piling-up of ‘display’ vocabulary creates a rhythm sharply punctuated by a single word, *dialechthēnai* (447c1), ‘to engage in dialectic’, which Socrates request as a substitute for rhetorical performance.” Como se viu, no entanto, discorda-se que Sócrates requeira engajar-se na dialética, como se esta aqui tivesse um sentido preciso.

⁸ PLATÃO. *Górgias*, 449b.

⁹ ΓΟΡ. Εἰσὶ μὲν, ὦ Σώκράτες, ἔναι τῶν ἀποκρίσεων. ἀναγκαῖαι διὰ μακρῶν τοὺς λόγους ποιῆσθαι· οὐ μὴν ἀλλὰ πειράσομαι γε ὡς διὰ βραχυτάτων. καὶ γὰρ αὐτὸ καὶ τοῦτο ἔν ἐστιν ὧν φημι, μηδένα ἂν ἐν βραχυτέροις ἔμοῦ τὰ αὐτὰ εἰπεῖν. ΣΩ. Τούτου μὴν δεῖ, ὦ Γοργία· καὶ μοι ἐπίδειξιν αὐτοῦ τούτου ποιῆσαι, τῆς βραχυλογίας, μακρολογίας δὲ εἰς αὐθις. ΓΟΡ. Ἀλλὰ ποιήσω, καὶ οὐδενὸς φήσεις βραχυλογωτέρου ἀκοῦσαι. PLATÃO. *Górgias*, 449b-c.

os procedimentos do dialogar balizados pelo Sócrates de Platão¹⁰.

Por isso, na sequência, depois de concordar, como quer Sócrates, que se possui uma *tékhnē rhetoriké*¹¹ ele deve ser possuidor de um conhecimento e capaz de transmiti-lo para um outro (ῥητορικῆς γὰρ φῆς ἐπιστήμων τέχνης εἶναι καὶ ποιῆσαι ἂν καὶ ἄλλον ῥήτορα¹²), à pergunta de Sócrates sobre quais seres ela é (ἡ ῥητορικὴ περὶ τί τῶν ὄντων τυγχάνει οὐσα), a personagem de Górgias responderá em busca da breví-

¹⁰ Aqui, antes de mais nada, é preciso lembrar a abrangência semântica de λόγος, e seu variado uso no diálogo: “about speech’. Gorgias says that rhetoric is about *logoi*. *Logos* refers generally to what is spoken or thought, words, sentences, discourses, and in particular to the expression of rational thought, hence to reason, argument, account, or definition. [...] These different uses appear regularly in the *G*. (1) Often *logos* refers just to speech or talk in general. (2) Sometimes a *logos* is a systematic, organized body of speech – either a continuous speech delivery by an orator, or a ‘discussion’ [...] – and so it is a common term for the dialectical conversation carried on in the dialogue. (3) It is a rational account contrasted with a mere story or ‘myth’; see 505c, 523a. (4) It refers to giving reasons, explanations, and rational accounts, as opposed to mere habitual or unreflective or rationally unjustifiable action; 465a, 500e-501a. These are not necessarily distinct senses of *logos*, obvious to a native speaker; perhaps they are partially overlapping uses (cf. e.g. 519d). Socrates expects the *logos* in the *G*. to satisfy all four of these conditions, eventually giving us a rational account and justification of the beliefs he accepts”. Platão, no entanto, monta a cena para que haja uma lacuna entre o uso da palavra pela personagem de Górgias e a restrição que se lhe deva fazer pela impropriedade do termo: “here Gorgias has in mind the general sense, that rhetoric is about speaking; but Socrates plays on the suggestion that *logos* must be *rational* discourse, and later rejects the claim of rhetoric to be about *logoi* in this sense, saying that it is ‘irrational’, *alogon*, 465a. Gorgias suggests that rhetoric has speech as its subject-matter and object as ordinary crafts are. Socrates uses the same technique of looking for the subject-matter to show the peculiarity of temperance and justice as crafts, *Ch.* 173d-175a, *R.*332e-333e.” (PLATO, 1989, p. 114).

¹¹ Ao comentar sobre a *dýnamis* de uma *tékhnē*, Irwin apresenta os usos possíveis de serem encontrados no diálogo para compreensão do que Platão supõe ser uma arte: “Here the question just means ‘what is his craft capable of?’, which amounts to asking for a definition of the craft; cf. Isocrates, 15.178, 186. ‘Craft’ (*techne*) is the normal term for any systematic productive skill, such as carpentry or shoemaking (see Socrates’ examples at 447d); but it is also applied to less obviously productive abilities, such as arithmetic or geometry (*Ch.*165e-166b), so that is virtually interchangeable, in Plato’s early dialogues at least, with *epísteme* (knowledge, science). [...] Socrates treats a craft as something more than a tendency to perform efficiently. He associates craft-knowledge with systematic teaching and instruction, reliably successful performance (see 514a-c), and the ability to explain the actions of the craft and their over-all point; see 449a, 465a, 500e-501a, 503de, *La.* 186ab. These conditions are gradually explained during the dialogue.” (PLATO, 1989, p. 111). As exigências próprias de uma *techne* em Platão enquadram a atividade da personagem Górgias no diálogo. Caberia, no entanto, estabelecer se tais relações são passíveis de se apresentarem nos textos do próprio Górgias.

¹² PLATÃO. *Górgias*, 449d.

dade elogiável, pois é no elogio e na aprovação da audiência que se encontram os parâmetros de sua atuação como personagem platônica.

Górgias assim responde prontamente, com rapidez e brevidade. O reforço socrático pelo elogio segue-se na urdidura de Platão, como se Górgias se esforçasse em exhibir-se brevemente para se revelar o melhor pela mera aprovação da *epagogé* socrática que afirma artes diversas e suas especificidades. Assim, este diz para aquele que a retórica é conhecimento de *lógoi*. No entanto, de imediato há o contraponto socrático, pois há diversidade de *tékhnai* que utilizam *lógoi* diversos. A *epagogé* ora mostra que o *lógos* médico é sobre saúde e doença; ora, sobre as boas ou más disposições do corpo encontra-se o *lógos* da ginástica. Outra condição, pois, se revela de qualquer *tékhnē*: ela, além de específica, conhece seus contrários, ou seja, tanto se direciona para o melhor, quanto para o pior. Ademais, o *lógos* funciona como a razão pela qual algo se faz, ou seja, determina na especificidade uma finalidade.

Antes, porém, para tentar responder à objeção socrática, Górgias contrapõe as *tékhnai* citadas por Sócrates àquelas que se fazem unicamente pela eficácia do *lógos*, sem habilidades manuais ou qualquer outra atividade. Sócrates reconhece a diferença e até mesmo a delinea mais precisa, ao citar *tékhnai* que prescindem de um *lógos* discursivo, como a escultura e a pintura, feitas em silêncio. No entanto, prossegue Sócrates, é preciso ver que:

*Há outras artes, porém, que realizam tudo por meios de λόγος e, pode-se dizer, ou não tem qualquer necessidade de ação, ou muito pouco, como a aritmética, o estudo da razão numérica, geometria e mesmo xadrez, assim como muitas outras artes que têm os λόγοι em igual número ao das ações, enquanto outras têm mais λόγοι, e nas quais absolutamente todas as ações e execuções de mestria ocorrem por meio de λόγοι.*¹³

Há, assim, artes diversas. Se todas parecem ter três características principais, pois implicam um conhecimento teórico, alguma habilidade

¹³ "Ἐτεροι δὲ γέ εἰσι τῶν τεχνῶν αἱ διὰ λόγου πᾶν περαίνουσι, καὶ ἔργου ὡς ἔπος εἰπεῖν ἢ οὐδενὸς προσδέονται ἢ βραχέος πάνυ, οἷον ἡ ἀριθμητικὴ καὶ λογιστικὴ καὶ γεωμετρικὴ καὶ πεπτευτικὴ γέ καὶ ἄλλαι πολλαὶ τέχναι, ὧν ἓναι σχεδὸν τι ἴσους τοὺς λόγους ἔχουσι ταῖς πράξεσιν, αἱ δὲ πολλαὶ πλείους, καὶ τὸ παράπαν πᾶσα ἡ πρᾶξις καὶ τὸ κῦρος αὐταῖς διὰ λόγων ἐστίν. τῶν τοιούτων τινά μοι δοκεῖς λέγειν τῆν ῥητορικὴν. ΠΛΑΤΩΝ. *Górgias*, 450d-e.

prática e certa experiência com particularidades quando é aplicada¹⁴, há de se poder expor suas especificidades. Neste sentido, Sócrates explicita que nelas há de haver um *lógos* que não se pluraliza e efetiva na multiplicidade discursiva calcada nas *epideixeis* destinadas a diversos assuntos e auditórios¹⁵. Deve assim haver uma razão (*lógos*) pela qual a retórica se distinga das demais artes que também se utilizam totalmente – ou o maior tempo possível – de *lógoi*. Não pode ela assim, afirma Sócrates, ser confundida com a aritmética nem com a geometria¹⁶, já que ambas também se utilizam apenas ou preferencialmente de *lógoi*. É preciso, pois, a especificidade que a determine.

Pode-se, continua Sócrates, dizer que a aritmética, cálculo e astronomia são todas elas preferencial ou totalmente por meio de *lógoi*. Mas se se indagar o que as diferencia será sempre possível especificá-las. Assim, pode-se responder serem elas, sucessivamente, ou sobre o par e ímpar; ou o par e o ímpar em suas mútuas relações; ou movimentos de estrelas, sol, lua e a relação entre eles. Cabe, pois, especificidades definidoras, ainda que todas estas *tékhnai* se façam única ou preferencialmente por meio de *lógoi*.

Questionado, então, sobre qual é a especificidade da retórica, Górgias, personagem de Platão, novamente se espraia pela qualificação, sem especificá-la, mas pela brevidade requerida por Sócrates. Sendo assim, responde: “os maiores assuntos humanos, Sócrates, e os melhores”¹⁷. Novamente, em vez da definição que especifique sobre o que é a retórica, a resposta implica o elogio que a destaca como insuperável em comparação com as demais. Permanece, pois, na montagem de Platão, a incomensurabilidade das respostas de Górgias em relação às perguntas de Sócrates. A brevidade das respostas evidenciam mais claramente esta desproporção. Produtor de *lógoi*, a personagem do retor lança-se para a plateia, exhibe-se,

¹⁴ SACHS, J. *Plato Gorgias and Aristotle Rhetoric*. Newburyport: The Focus Philosophical Library, 2009, p. 30.

¹⁵ Como observa Joe Sachs em nota a sua tradução, o contraste com artes que utilizam pouca fala introduz no diálogo a palavra *lógos* no singular. É uma palavra com vasta gama de sentidos possíveis, mas aqui ele toma seu sentido primário da sua relação com o plural. As falas feitas pelos retóricos ocorrem num meio que conecta o falante e os ouvintes, e este meio é a fala. O contraste entre *lógoi* no plural e o *lógos* no singular logo tornar-se-á enfático como a diferença crucial entre Górgias e Sócrates. SACHS, 2009, p. 34.

¹⁶ PLATÃO. *Górgias*, 450e.

¹⁷ τὰ μέγιστα τῶν ἀνθρωπείων πραγμάτων, ὧ Σώκρατες, καὶ ἄριστα. PLATÃO. *Górgias*, 451d.

mas, na montagem platônica, cumpre seu papel ao não cumpri-lo como, segundo as exigências sócráticas, lhe caberia.

Em razão disso, Sócrates aponta a insuficiência da resposta em *epagogé* distinta, pois hipoteticamente trazida não por comparação habitual com as *tékhnai*, mas numa, por suposição, produzida pela poesia, modo pelo qual a exibição e o elogio melhor se evidenciam, já que se apresenta para presentificar algo como melhor sem, contudo, justificar a razão de ser ele assim apresentado. Agonística e *simposiasticamente* modelado, Sócrates dá suposto exemplo de canção apresentada em tais ocasiões¹⁸. De acordo com ela, saúde, beleza e riqueza são respectivamente elencadas em primeiro, segundo e terceiro lugar. Remodelando para a discussão presente o exemplo, Sócrates estende uma hipotética explanação de cada um dos possíveis defensores do que seria uma justificativa de cada qual para se considerar o melhor, pois o médico defenderia ser a saúde o melhor; o treinador de ginástica, a força e beleza do corpo; o financista, a riqueza. Neste sentido, explicita o elogio como função própria do poeta, mas especifica que saberão os artífices (οἱ δημιουργοί) responder qual a função que lhes é apropriada. Na urdidura de Platão, entrevê-se assim a proximidade da personagem de Górgias ao poeta, cumprindo papel semelhante. No simpósio, caberá a um o elogio do outro; na *épideixis* do retor, no entanto, será ele próprio quem fará seu autoelogio.

Como no roteiro de Platão também há Sócrates, este insiste, a partir do uso da hipotética *epagogé*, que qualquer *tékhnē*, para ser assim considerada como tal, terá um especialista para determinar e circunscrever sua atividade. Desse modo, Górgias deverá saber qual é sua especificidade e explicá-la. Afastado o elogio apropriado ao poeta e a quem se exhibe para uma audiência ampla, não pode haver outra possibilidade senão Górgias definir seu campo de atuação nas regras do dialogar desde o princípio sinalizadas: responder especificamente a questão posta. Diz Sócrates: “Então, Górgias, creia que está sendo perguntado por eles e por mim e responda o que você afirma ser o maior bem para os seres humanos e afirma ser disso um artífice”¹⁹.

¹⁸ ἐν τοῖς συμποσίοις ἄδόντων ἀνθρώπων τοῦτο τὸ σκολιόν, ἐν ᾧ καταριθμοῦνται ἄδοντες ὅτι <ύγιαίνειν μὲν ἄριστόν> ἐστίν, τὸ δὲ <δεύτερον καλὸν γενέσθαι, τρίτον δέ>, ὡς φησιν ὁ ποιητὴς τοῦ σκολιοῦ, <τὸ πλουτεῖν ἀδόλως. PLATÃO. *Górgias*, 451e.

¹⁹ ἴθι οὖν νομίσας, ὦ Γοργία, ἐρωτᾶσθαι καὶ ὑπ’ ἐκείνων καὶ ὑπ’ ἐμοῦ, ἀπόκριναι τί ἐστίν τοῦτο ὃ φῆς σὺ μέγιστον ἀγαθὸν εἶναι τοῖς ἀνθρώποις καὶ σὲ δημιουργὸν εἶναι αὐτοῦ. PLATÃO. *Górgias*, 452d.

Górgias desta feita não apenas qualifica comparativamente sua arte, mas ao fazê-lo também circunscreve seu campo de atuação. Dessa maneira, se esta arte é ainda agonisticamente “o maior bem”, justifica-se por “ser causa não somente de liberdade para os homens, mas também de comandar os demais em sua própria cidade”²⁰. A personagem assim delimita o horizonte em que sua atividade deve se desenvolver. Em cada *pólis* permitir a liberdade de quem se utiliza de sua arte. Liberdade, porém, que ocorre por, paradoxalmente, subjugar os que não a utilizam. Trazida para a cena da Atenas democrática, implicaria ser a liberdade dos retores mais hábeis ancorada na submissão dos demais cidadãos não especializados.

Instado por Sócrates a explicar melhor o que quer dizer, a personagem Górgias institucionaliza Atenas como palco de seu ensino para explicitar a razão pela qual sua arte domina qualquer outra e, ao rivalizar com elas, supera as três elogiadas pelo poeta e hipoteticamente justificadas pela argumentação de Sócrates por cada um de seus praticantes. Ao contrário disso, produtor de *lógoi*, a personagem Górgias prescinde de outro que o defenda e ela própria se justifica:

*Eu estou dizendo ser capaz de persuadir pelos discursos: juízes no júri, conselheiros no Conselho e na assembleia seus participantes e em toda qualquer outra reunião, que venha a ser uma reunião política. E assim ter-se-á em vista deste poder o doutor como escravo; o treinador como escravo; e este financista aí logo estará fazendo negócios para outro, não mais para si mesmo; em outras palavras, para você, o único com o poder para falar e persuadir as multidões*²¹.

O persuadir, portanto, seria a finalidade da arte de Górgias. Seu ensino, como aponta o diálogo de Platão, se direcionaria para a atividade política na democracia a fim de, por *lógoi*, dominar ao persuadir. Nos li-

²⁰ “Ὅπερ ἐστίν, ὧ Σώκρατες, τῆ ἀληθείᾳ μέγιστον ἀγαθὸν καὶ αἴτιον ἅμα μὲν ἐλευθερίας αὐτοῖς τοῖς ἀνθρώποις, ἅμα δὲ τοῦ ἄλλων ἄρχειν ἐν τῇ αὐτοῦ πόλει ἐκάστω. PLATÃO. *Górgias*, 452e.

²¹ Τὸ πείθειν ἔγωγ’ οἷόν τ’ εἶναι τοῖς λόγοις καὶ ἐν δικαστηρίῳ δικαστὰς καὶ ἐν βουλευτηρίῳ βουλευτὰς καὶ ἐν ἐκκλησίᾳ ἐκκλησιαστὰς καὶ ἐν ἄλλῳ συλλόγῳ παντί, ὅστις ἂν πολιτικὸς σύλλογος γίγνηται. καίτοι ἐν ταύτῃ τῇ δυνάμει δοῦλον μὲν ἔξεις τὸν ἰατρόν, δοῦλον δὲ τὸν παιδοτρίβην· ὁ δὲ χρηματιστὴς οὗτος ἄλλῳ ἀναφανήσεται χρηματιζόμενος καὶ οὐχ αὐτῷ, ἀλλὰ σοὶ τῷ δυναμένῳ λέγειν καὶ πείθειν τὰ πλήθη. PLATÃO. *Górgias*, 452e.

mites da liberdade, sua arte se estende como poder de um homem livre que sujeita os demais cidadãos pela força e poder da palavra. Apresenta-se como o maior bem para o homem, pois controla e sujeita os demais a seus ditames e vontades. A retórica, diferentemente da sofística²², é apresentada pelo Górgias de Platão nos limites de uma educação política a ser exercida sobretudo na democracia para que o retor se apresente como detentor do poder que subjuga os demais cidadãos²³. Estes, transformados em multi-

²² É interessante notar que na *Apologia*, *v.g.*, Górgias, Pródico e Hípias são citados como sofistas (19e). Próximos de homens ricos, como deixa entrever a referência a Cálías, eles recebem para ensinar a jovens a virtude. Neste plano, pois, não são unicamente apresentados como conferencistas que falam a uma plateia indefinida em lugares também imprecisos, como ocorre no *Górgias*. Neste aqui a exibição parece se concentrar unicamente no efeito persuasório que ensina a dirigir-se e convencer multidões indeterminadas. No *Protágoras*, no entanto, a casa de Cálías é um cenáculo de professores cuja figura central é Protágoras. Nesse diálogo, ao invés de Querefonte de *Górgias*, é o jovem Hipócrates quem conduz Sócrates ao encontro. Em lugar definido e dirigindo-se a acólitos, Protágoras diz abertamente ser um sofista e ensinar algo diverso de outros sofistas: Ἰπποκράτης γὰρ παρ' ἐμὲ ἀφικόμενος οὐ πείσεται ἄπερ ἂν ἔπαθεν ἄλλω τῷ συγγενόμενος τῶν σοφιστῶν. οἱ μὲν γὰρ ἄλλοι λωβῶνται τοὺς νέους· τὰς γὰρ τέχνας αὐτοὺς πεφευγότας ἄκοντας πάλιν αὐτῶν ἄγοντες ἐμβάλλουσι εἰς τέχνας, λογισμοὺς τε καὶ ἀστρονομίαν καὶ γεωμετρίαν καὶ μουσικὴν διδάσκοντες – καὶ ἅμα εἰς τὸν Ἰππίαν ἀπέβλεψεν – παρὰ δ' ἐμὲ ἀφικόμενος μαθησεται οὐ περὶ ἄλλου τοῦ ἢ περὶ οὗ ἦκει. τὸ δὲ μάθημά ἐστιν εὐβουλία περὶ τῶν οικείων, ὅπως ἂν ἄριστα τὴν αὐτοῦ οἰκίαν διοικῶν, καὶ περὶ τῶν τῆς πόλεως, ὅπως τὰ τῆς πόλεως δυνατώτατος ἂν εἴη καὶ πράττειν καὶ λέγειν. (318e-319a) “pois Hipócrates, vindo até mim, não se submeterá ao que se submeteria ao frequentar algum outro sofista; com efeito, os demais têm destruído os jovens, pois depois de estes terem evitado as artes, aqueles novamente, mesmo que os alunos não queiram, reconduzem-nos às artes e os lançam a elas, ensinando cálculo, astronomia, geometria e música – e ele olhou de relance para Hípias. Quem vier a mim, no entanto, não aprenderá nada além do que aquilo a que veio. O ensino é a boa deliberação acerca dos assuntos da casa, a fim de que administre sua própria casa da melhor maneira possível, e para que, quanto aos assuntos da cidade, seja poderosíssimo ao agir e ao falar”. O ensino sofístico de Protágoras, desse modo, não separa a educação do cidadão: a administração da casa se estende ao espaço público.

²³ Dodds (PLATO, 1992, p. 202) lembra a semelhança da passagem do *Górgias* com a do *Fedro*: Ἄρ' οὐν οὐ τὸ μὲν ὅλον ἢ ῥητορικὴ ἂν εἴη τέχνη ψυχαγωγία τις διὰ λόγων, οὐ μόνον ἐν δικαστηρίοις καὶ ὅσοι ἄλλοι δημόσιοι σύλλογοι, ἀλλὰ καὶ ἐν ἰδίοις, ἢ αὐτῆ σμικρῶν τε καὶ μεγάλων πέρι, καὶ οὐδὲν ἐντιμότερον τό γε ὀρθὸν περὶ σπουδαῖα ἢ περὶ φαῦλα γιγνόμενον (261b) “Não seria, então, em seu todo a retórica uma certa *psykhebagia* por meio de palavras, não apenas em tribunais e em todas as demais reuniões públicas, mas também em encontros privados?” Note-se, contudo, que esta passagem, diferentemente do *Górgias*, investe tanto no ensino público quanto no particular, estendendo a retórica a uma gama mais ampla, pois seria próprio dela a condução das almas numa amplitude que vai da persuasão em tribunais e assembleias aos encontros amorosos, como no *Fedro*, em que o discurso de Lísias sobre as vantagens de não se

dões indeterminadas, inclinam suas vontades e desejos ao poder da persuasão que instaura a vontade do único homem livre cujo poder de persuadir torna-o um tirano na *pólis* democrática. Adaptado a Atenas, o ensino de Górgias implica o uso das peculiaridades próprias da *pólis* democrática no melhor proveito, por meio do *lógos*, daquele que saiba discursar melhor e com isso obter as maiores vantagens.

O Górgias de Platão, sendo assim, explicita a consequência do seu ensino: tornar escravos, na competição pelo poder, as personagens enaltecidas pelo poeta no agonismo simposiástico. Apresenta-se, assim, sua exibição prévia da *makrología* como entretenimento²⁴. A *epídeixis* comentada no diálogo, mas já nele finda, *epiditicamente*, em termos aristotélicos, parece assim ter revelado à audiência o poder do retor. A força deste poder, no entanto, é afastada por Platão a fim de transitar em outro terreno, o da atividade implicada ao dialogar. Aqui o retor se apresenta como o poeta *simposiasta* que, diferentemente da sugestão de Sócrates, apenas canta o valor alheio. Exaltando o financista, o médico e o treinador, tal poeta não explica a razão por que um ou outro deve ser apontado como melhor. São eles próprios que, hipoteticamente, deveriam, para Sócrates, apresentar argumentos que justificassem sua escolha. No dialogar, porém, é o próprio Górgias quem deve ora justificar-se. Independentemente do

amar conduz a ele almas de possíveis amantes.

²⁴ Interessante pensar a matriz de Aristóteles para definir o epidítico pela finalidade quando afirma: “as espécies de retórica são três em número; pois outras tantas são as classes de ouvintes dos discursos. Com efeito, o discurso comporta três elementos: o orador, o assunto de que fala e o ouvinte; e o fim do discurso refere-se a este último, isto é, ao ouvinte. Ora, é necessário que o ouvinte seja espectador ou juiz, e que um juiz se pronuncie ou sobre o passado ou sobre o futuro. O que se pronuncia sobre o futuro é, por exemplo, um membro de uma assembleia; o que se pronuncia sobre o passado é o juiz; o espectador, por seu turno, pronuncia-se sobre o talento do orador. De sorte que é necessário que existam três gêneros de discursos retóricos: o deliberativo, o judicial e o epidítico.” “Ἔστιν δὲ τῆς ῥητορικῆς εἶδη τρία τὸν ἀριθμὸν τοσοῦτοι γὰρ καὶ οἱ ἀκροαταὶ τῶν λόγων ὑπάρχουσιν ὄντες. σύγκειται μὲν γὰρ ἐκ τριῶν ὁ λόγος, ἐκ τε τοῦ λέγοντος καὶ περὶ οὗ λέγει καὶ πρὸς ὃν, καὶ τὸ τέλος πρὸς τοῦτόν ἐστιν, λέγω δὲ τὸν ἀκροατὴν. ἀνάγκη δὲ τὸν ἀκροατὴν ἢ θεωρῶν εἶναι ἢ κριτὴν, κριτὴν δὲ ἢ τῶν γεγενημένων ἢ τῶν μελλόντων. ἔστιν δ’ ὁ μὲν περὶ τῶν μελλόντων κρίνων ὁ ἐκκλησιαστής, ὁ δὲ περὶ τῶν γεγενημένων [οἴου] ὁ δικαστής, ὁ δὲ περὶ τῆς δυνάμεως ὁ θεωρὸς, ὥστ’ ἐξ ἀνάγκης ἂν εἴη τρία γένη τῶν λόγων τῶν ῥητορικῶν, συμβουλευτικόν, δικανικόν, ἐπιδεικτικόν [1358b1]. ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. Manuel Alexandre Junior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

discurso apresentado como anterior ao próprio diálogo de Platão, visto que nele pouco importe sobre o que Górgias falara, mas sim como a audiência reagiu a sua apresentação, as perguntas de Sócrates incidem sobre as possíveis consequências da atividade de Górgias. Por isso deve-se afastar o elogio imediato e a *epideixis* como mera diversão. Este, na trama de Platão, só faz sentido se se determinar a razão pela qual ele se justifica.

No momento em que apresenta a razão de ser sua atividade a melhor, a personagem de Górgias sai do espaço indeterminado da *pólis* em que se encontra no início do texto do diálogo para adentrar na amplitude da cena política ateniense. A *epideixis* anterior revela, no cenário de Platão, querer ecoar sua voz para além de sua apresentação. O espetáculo gorgiano de *lógoi* variegados que se modelam para o prazer da audiência ressoam assim, para Platão, como fala que ganha espessura no palco político. O *lógos* que Sócrates exige dos *lógoi* de Górgias implica que este os lance ao combate na arena da *pólis* na qual, paradoxalmente, ele está impedido de militar diretamente. A personagem Górgias de Platão, conduzida pelo Sócrates platônico, estende a amplitude e eficácia de sua *tékhnē* para dar a razão de ela ser a melhor: ela não é, como se poderia no início do diálogo supor, nem mero entretenimento, nem simples jogo discursivo. Ela é capaz de exercer o poder de modo mais vigoroso, pois a palavra e o discurso – seu *lógos* pleno – configuram o ensino do *rhētōr* Górgias, que, no diálogo, é professor e estrangeiro em Atenas, mas, paradoxalmente, moldado e modelado pela atividade dos *rhētores* da democracia ateniense que curvariam assim os cidadãos a seus desígnios.

O Sócrates de Platão pode, então, no diálogo, concluir qual seja a *tékhnē* de Górgias e também sua finalidade. Sendo assim, afirma Sócrates sobre a fala anterior do Górgias de Platão:

*agora, Górgias, você está mais perto de mostrar que tipo de arte você acredita ser a retórica e, se nisso o sigo, você diz que a retórica é produtora de persuasão e toda sua atividade e escopo principal para este fim se dirigem. Ou você pode dizer que a retórica é capaz de algo mais além de produzir persuasão na alma dos ouvintes?*²⁵

²⁵ A definição explícita se completa apenas pela formulação de Sócrates, como se este apenas chegasse às consequências definidoras da atividade de Górgias: *vūn moi dokeĩs δηλώσαι, ὦ Γοργία, ἐγγύτατα τὴν ῥητορικὴν ἥντινα τέχνην ἠγῆ εἶναι, καὶ εἴ τι ἐγὼ συνίημι, λέγεις ὅτι πειθοῦς δημιουργός ἐστιν ἡ ῥητορικὴ, καὶ ἡ πραγματεία αὐτῆς*

A eficácia da *tékhnē* de Górgias se apresentaria, pois, no palco democrático. Atenas, com suas instituições, é o cenário em que se exerceria sua finalidade. No conselho, nos tribunais e na assembleia ocorre a persuasão pelos discursos. O poder do *dēmos* passaria por meio da persuasão a ser não a liberdade dos cidadãos, mas sua escravidão pelo *rhétor*; não a *isegoria* das falas, mas a força maior de quem detém da fala sua arte; não um poder disseminado na *pólis*, mas de quem o moveria pela persuasão²⁶. Isso implica que, de algum modo, o ensino do *rhétor* Górgias encontraria sua finalidade na atividade dos *rhétores* atenienses, seus possíveis discípulos,

ἅπανσα καὶ τὸ κεφάλαιον εἰς τοῦτο τελευτᾷ· ἢ ἔχεις τι λέγειν ἐπὶ πλεον τὴν ῥητορικὴν δύνασθαι ἢ πειθῶ τοῖς ἀκούουσιν ἐν τῇ ψυχῇ ποιεῖν; (PLATÃO. *Górgias*, 452e-453a). Muito comentário, com efeito, ressaltando a propriedade definidora de Platão, não lhe deixa de fazer jus, afirmando como de Platão aquilo que lhe é de direito. Mas com isso se deixa de lado a justeza histórica que o dito de Platão implica: “cette expression qui définit la rhétorique comme la production d’un sentiment de conviction devait demeurer fameuse. Il n’y a pas lieu d’en retirer la paternité à Platon et de faire remonter soit à Gorgias soit aux premiers rhéteurs, Tisias et Corax, précurseurs de Gorgias. On trouve, en effet, dans le *Charmide* (174e, où il est dit que la médecine ‘produit’ la santé) et le *Banquet* (188d, où l’amour nous ‘procure’ la capacité d’être amis avec les dieux comme avec les hommes) des expressions de même facture que la célèbre formule du *Gorgias*: elles attestent donc le style platonicien de l’expression.” (PLATON. *Gorgias*. Traduction, introduction et notes par Monique Canto. Paris: Flammarion, 1993, p. 317, n. 16). Mas o *platônico da expressão* é mais do que um *estilo*. Além de nomear uma possível *tékhnē* de Górgias como *retórica*, Platão a modela segundo suas categorias e pressupostos: “the clearest and simplest of these authoritative pronouncements are definitions in terms of final cause. Rhetoric is the ‘artificer of persuasion’ (Plato in the *Gorgias* [453a]) or the ‘influencing and swaying of the mind (*psychagogia*) through words’ (Plato in the *Phaedrus* [261a7-8]). More cautiously, it is the ‘capacity for seeing how to be as persuasive as subject and situation will permit’ (Aristotle in the *Rhetoric* [1.2 1355b25-26], making allowance, as the medical analogy [1355b12-14] that accompanies his definition indicates, for a technically successful operation in which the rhetorician’s client nevertheless dies). The conviction that persuasion produces may be true or false, but it ranks as belief, not knowledge – hence the Platonic distinction (*Gorgias* 454d-55a) between persuasion and teaching, and Aristotle’s insistence (1.2 1356b34-57a7) that rhetoric is called for situations where rigorous, conclusive demonstration is either unavailable, or incapable of being taken in by audience”. COLE, T. *The Origins of Rhetoric in Ancient Greece*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1991, p. 3.

²⁶ “In Athens the situation was otherwise. *Demokratia* was meant literally: the *demos* – the adult male citizen body in its entirety – held power (*kratos*) and did so unconditionally. Traditional social and economical divisions within the citizen body did not disappear; but full and equal political and legal privileges – that is, citizenship – were held by all Athenian men regardless of family background or wealth. The *demos* delegated no authority or power to any person or group of persons to decide matters independently on their behalf”. YUNIS, H. *Taming Democracy: Models of Political Rhetoric in Classical Athens*. New York: Cornell University Press, 1996, p. 4.

mas também a submissão de qualquer possuidor de riqueza ou de específicos conhecimentos à persuasão poderosa da palavra. A figuração de Platão configura a posse da *tékhnē* ao uso dela como poder político. Ao fazê-lo, cria o que inicialmente nomeia e ressignifica seu uso.

Em primeiro lugar, o termo *rhétor*²⁷, especificamente na Atenas do V século, parece especificar simplesmente o falante de uma assembleia:

the term rhetor (pl. rhetores), which literally means 'speaker', was used to designate any citizen who volunteered to address the Assembly either to move a proposal or just to contribute to debate. Thus any citizen could become a rhetor at any meeting of the Assembly by mounting the platform and speaking.

Como destaca Yunis, a igualdade de tomar a palavra era partilhada por todos e o próprio Platão apresenta tal cenário no *Protágoras*²⁸.

Tal condição prévia, como possibilidade de partilha da *pólis* democrática, nem sempre, contudo, efetivamente ocorreria. Daí poder-se também dizer que

the term rhetor was also used to designate the notable citizens who regularly or frequently moved proposals or participated in debates, and thus repeatedly put themselves in the public eye as potential leaders. In this latter sense rhetores were citizens who concerned themselves with politics full-time in attempt to establish longterm leadership; thus rhetor is often translated as 'politician'.²⁹

Sem, contudo, como destaca Yunis, serem profissionais, eles acabam por serem poucos, pois passam a dominar o debate nas assembleias. Fossem de origem nobre ou obtivessem eles próprios sua riqueza,

²⁷ O termo se apresenta desde Homero. Gagarin assim descreve a passagem: “We think of a Homeric hero like Achilles as the greatest of Greek fighters, but Achilles’ tutor Phoenix was charged with teaching him about public speaking (*agoraí*) as well as about fighting – ‘to teach you to be both a speaker (*rhetor*) of words (*mythoi*) and a doer of deeds’ (*Iliad* 9.442-443). Instruction in speaking, like instruction in fighting, probably took the form of supervised learning by experience, though some general rules presumably were known”. GAGARIN, M. Background and Origins: Oratory and Rhetoric before the Sophists. In: WORTHINGTON, Ian (Ed.). *Companion to Greek Rhetoric*. Oxford: Blackwell, 2007. cap. 3. Ver p. 27.

²⁸ PLATÃO. *Protágoras*, 319c-d.

²⁹ YUNIS, 1996, p. 10.

era necessário tempo livre à disposição para liderar as assembleias, visto melhor pudessem se informar das questões a serem debatidas. Havia assim uma discrepância entre o amadorismo do *dêmos* e a necessidade de uma liderança nas assembleias.

Platão indica tal sentido em Atenas no *Górgias* num momento posterior ao anteriormente apresentado. Após Sócrates dizer que, mesmo no quadro de uma arte determinada há sempre especificidades, a ponto de se dizer que Zêuxis, além de pintor, apresenta quadros de figuras vivas³⁰, Górgias é levado a admitir que há nas outras artes também persuasão acompanhada de ensino de sua especificidade. Sendo assim, diz Sócrates que a aritmética não apenas persuade, mas também ensina sobre os números pares e ímpares. Górgias então analogamente admite que ela persuade sobre o justo e injusto.

Sócrates, na sequência, admitida a diferença entre aprender e crer³¹, destaca que há persuasão: uma que instrui com conhecimento; outra que produz crença sem conhecimento. Neste caso, a retórica não ensina, mas, como afirma a personagem Górgias, persuade, sobre o justo e o injusto, a multidão³². É então que Sócrates afirma haver, nas próprias assembleias, a necessidade do especialista na arte determinada quando o assunto requer tal mestria. Nelas serão escolhidos para aconselhar os conhecedores da arte, falarão ou sobre doenças, ou sobre muros, ou construção de navios e portos, os respectivos conhecedores da respectiva arte que domina. O mesmo ali ocorre quando se trata de assunto militar. Diz assim Sócrates:

*do mesmo modo, por sua vez, quando se aconselha sobre escolha de generais, a ordenação tática contra os inimigos ou ocupação de territórios, aconselharão os especialistas na arte militar, não os especialistas em retórica. O que, Górgias, dizes de tais coisas? Pois já que tu mesmo afirmas ser um rhétor e tornar outros rhétores, é bom indagar de ti as coisas acerca da tua arte*³³.

³⁰ PLATÃO. *Górgias*, 452c.

³¹ PLATÃO. *Górgias*, 454c.

³² PLATÃO. *Górgias*, 455a.

³³ οὐδ' αὖ ὅταν στρατηγῶν αἰρέσεως περί ἢ τάξεώς τινος πρὸς πολεμίους ἢ χωρίων καταλήψεως συμβουλή ἦ, ἀλλ'οἱ στρατηγικοὶ τότε συμβουλεύουσιν, οἱ ῥητορικοὶ δὲ οὐ· ἢ πῶς λέγεις, ὦ Γοργία, τὰ τοιαῦτα; ἐπειδὴ γὰρ αὐτός τε φῆς ῥήτωρ εἶναι καὶ

Importa aqui destacar na fala de Sócrates a sutil mudança de vocabulário e ressaltar o emprego do sufixo *-kos* que diferencia, num primeiro momento, o *strategós* do *strategikós*; num segundo, do *rhetorikós* para o *rhétor*, pouco notada entre muitos dos tradutores³⁴. A personagem Sócrates parece, assim, marcar uma mudança vocabular que se norteia pela exigência do que se demanda de uma arte. Sendo assim, ao contrapor o especialista ao leigo, sem maiores ressalvas, a consulta será feita a quem detenha conhecimento. Curiosamente, no entanto, ao escolher *generais* (στρατηγοί), serão conselheiros na escolha os que detenham a arte da estratégia militar (στρατηγικοί). A analogia se faz do mesmo modo, diferenciando praticantes de conhecedores, com relação aos *rhetorikói* e os *rhétores*. Assim, supõe-se que haja conhecedores de estratégias e táticas militares que se diferenciam dos que são escolhidos pela assembleia a partir do conselho de tais especialistas para o posto de *estratego*. Há aqui a possibilidade de o especialista nomear outro que a ele se assemelhe, mas tal relação não parece necessariamente determinada pela escolha da multidão. O mesmo vale, então, para a separação entre o *rhétor* e o *rhetorikós* pois se supõe a clivagem entre um especialista de uma arte e o praticante de uma atividade que não pressupõe conhecimento. Interessante notar como Platão assim apresenta a possível separação entre o persuadir que se faça pelo aprendizado e uma *empeiría* que se lance desprovida de qualquer saber prévio. A montagem da cena em Platão é precisa para seu escopo: importa apresentar claramente a diferença entre saberes delimitados em sua especialização para sua consecução, como é o caso da construção, daqueles que orbitam na esfera política: o *estratego* e o conhecimento ou não da arte militar; o *rhétor* que se contrapõe ao *rhetorikós* porque na acepção última se apresenta a necessidade de um conhecimento capaz de instruir, de ensinar. Neste sentido, no final desta fala Sócrates requer de Górgias que ele explicita não apenas para si, mas

ἄλλους ποιεῖν ῥητορικούς, εὖ ἔχει τὰ τῆς σῆς τέχνης παρὰ σοῦ πυνθάνεσθαι. PLATÃO. *Górgias*, 455b-c.

³⁴ De várias traduções consultadas apenas as de Émile Chambry e a de Jacques Cazeaux notam a mudança e traduzem-na. PLATON. *Protagoras, Euthydème, Gorgias, Ménexène, Ménon, Cratyle*. Traduction, notices et notes par Émile Chambry. Paris: Garnier, 1967; PLATON. *Gorgias*. Traduction, introduction, notes et commentaires de Jacques Cazeaux. Paris: Le Livre de Poche, 1996.

também para a audiência presente, com os possíveis discípulos que daí podem surgir, se será apenas sobre o justo e o injusto ou se haverá ainda outros aprendizados decorrentes do seu ensinamento.

A resposta da personagem Górgias ignora a insinuação platônica presente na tênue mudança de vocabulário; com efeito, a resposta parece implicar a acepção de *rhétor* no sentido político anteriormente apresentado. Sendo assim, a fala seguinte de Górgias retira do *rhétor* a exigência da especialização para destacar que os conselhos militares e de preparação de portos não foram dados pelos técnicos, mas por Temístocles e Péricles, ou seja, pelos políticos³⁵. Sendo assim, continua Górgias, “e quando há alguma escolha acerca do que tu falavas agora mesmo. Sócrates, vês que são os retores os que aconselham e que fazem prevalecer suas opiniões sobre estas questões”³⁶.

Se a personagem Górgias assume a contraposição entre o técnico e o *rhétor*, ele não a dimensiona na contraposição entre conhecimento preciso e opinião, pois esta pode implicar um conhecimento por experiência que não se fundamenta numa certeza como a que fornece a matemática, seja aritmética ou geometria. Sem, contudo, entrar em tal seara, importa aqui destacar a implicação, urdida pelo próprio Platão, entre um possível vocabulário corrente em Atenas que não se firma na distinção entre conhecimento técnico e avaliação política. Reserva assim Platão para sua personagem Górgias entrever a fluidez de um vocabulário que não se dimensiona pela posse de uma arte com finalidade precisa e conhecimento específico. Como isso não ocorre, Platão lança Górgias numa trama em que este só se enreda porque cumpre exigências apresentadas pela personagem socrática. De qualquer maneira, o próprio texto de Platão revela em seus interstícios a insinuação nele presente que modela uma nova acepção do termo e que passa a moldar o Górgias dos textos supérstites pela personagem presente no diálogo de Platão. Neste sentido, insere a personagem Górgias no cenário político da democracia ateniense, retirando

³⁵ οἷσα γὰρ δήπου ὅτι τὰ νεώρια ταῦτα καὶ τὰ τεῖχη τὰ Ἀθηναίων καὶ ἡ τῶν λιμένων κατασκευὴ ἐκ τῆς Θεμιστοκλέους συμβουλῆς γέγονεν, τὰ δ' ἐκ τῆς Περικλέους ἀλλ' οὐκ ἐκ τῶν δημιουργῶν. PLATÃO. *Górgias*, 455d-e.

³⁶ Καὶ ὅταν γέ τις αἴρεσις ἢ ὧν νυνδὴ σὺ ἔλεγες, ὧ Σώκρατες, ὄρας ὅτι οἱ ῥήτορες εἰσιν οἱ συμβουλευόντες καὶ οἱ νικῶντες τὰς γνώμας περὶ τούτων. PLATÃO. *Górgias*, 456a.

do do vocabulário político desta o próprio cerne da atividade pedagógica e da *tékhnē* deste Górgias.

Possivelmente assim se justifique a razão de atrelar a *epídeixis* inicial e até apresentada no texto como anterior ao próprio diálogo; com efeito, conduzir a personagem Górgias aí delineada do espaço indeterminado da exibição prévia para as instâncias institucionais da *pólis* ateniense implica de certo modo fundar nesta última a razão de seu ensino: os *lógoi* da personagem gorgiana multiplicam-se e multifacetam-se em função do direcionamento político presente na atividade do *rhétor* que fundamenta sua atividade pedagógica. A passagem do *rhétor* político ao *rhétor* professor, detentor de um conhecimento e finalidade específica assim se justificaria:

*The dialogue does not distinguish the craft of the orator who knows how to produce certain effects on his audience from the craft of the rhetorician who knows how to teach others to produce these effects on audience. But the double use of 'rhetor' for both orator and rhetorical teacher might not seem strange to Plato's readers. Originally it probably means just 'speaker' [...] referring to public orators (see 455de; cf. Aristoph. Ach. 38, Eq.60, 358, Thuc. 8.1). The same term is naturally applied to the rhetorician because early rhetorical instruction was teaching by example, prescribing model speeches to be memorized and reproduced, rather than systematic formal instruction in the elements of speech-making*³⁷.

Tal passagem, no entanto, pode ser também urdida por Platão justamente por ter como finalidade conduzir o leitor a aceitar tal entrelaçamento. O próprio termo *retórica* refere algo que Górgias desconheceria como *tékhnē*³⁸. Para Górgias, com efeito, não faria sentido uma arte da

³⁷ PLATO, 1989, p. 113.

³⁸ “All the material I have discussed thus far is evidence for early oratory (not rhetoric). But it indicates that not only in Homer and Hesiod but throughout the archaic period, Greeks put a high value on effective speaking and thought about ways of making speeches effective. On the other hand, there is no evidence to suggest the systematic study or analysis of the practice of public speaking beyond the simple observation of individuals' manners of speaking. Rhetoric in the fourth-century sense is still lacking. As mentioned above, however, traditional accounts of rhetoric locate its origin in the early or mid fifth century. The earliest evidence we have for this tradition are remarks of Socrates and Phaedrus in their discussion near the end of Plato's Phaedrus (probably written 470–450), when they mention several earlier figures who have written about 'the art of words' (*he logon techne*, 266e–267e). There are also scattered references in Aristotle to earlier writers of rhetorical technai” (GAGARIN, 2007, p. 30)

fala como posteriormente foi compreendida. A clivagem entre *retórica* e um sentido específico do *lógos* funciona dentro da molda de Platão. Não há, com efeito, a partir dos textos do V século uma *retórica*. Cole mostra o equívoco em se tratar os textos do período a partir da ótica de Platão e o que ele quer que aí se veja. Sendo assim, certas características do período mostram a distorção das lentes dos que empregam a correção do olhar.

Não há a rigor no V século uma arte retórica segundo o molde de Platão. Ao contrário, interessa a Platão firmá-la, pois

[...] *the practice, inaugurated by Plato and Aristotle, of using the word rhetoric to refer both to an essential part of their own pedagogical program and, rather more frequently, to the inept or irresponsible (so it seemed to them) anticipations and alternative versions of it to be found in the work of their contemporaries and predecessors. Rhetoric is thus made to seem, not only a discipline separated from philosophy, but one fundamentally at odds with it*³⁹.

No *Górgias*, pois, ela apresenta seu cartão de visita em batalha que fabrica o adversário:

*yet it is in philosophical texts that we first hear of this discipline; and the word rhetoric itself bears every indication of being a Platonic invention. There is no trace of it in Greek before the point in the Gorgias (449a5) where the famous Sophist after hesitation and (possibly) a certain amount of prompting from Socrates (448d9) decides to call the art he teaches the ‘rhetorly’ that is, rhetor’s or ‘speaker’s’ ‘art’ (rhetorike techné). And the ‘speaker’s art’ would probably have sounded too much like the ‘shyster’s’ or ‘demagogue’s art’ for the historical Gorgias or any of his contemporaries to want to lay claim to it himself. Even in the next generation the orator and educator Isocrates (c. 436-338 B.C.), usually credited with the creation of one of the two major ‘traditions’ in ancient rhetorical theory, never uses the word nor does any other Attic orator. Down to the end of the fourth century, all occurrences are, with a single exception [Alcidamas 15. 1], confined to Plato and Aristotle*⁴⁰.

A *retórica* como arte assim se especificaria, segundo Cole, com e

³⁹ COLE, 1991, p. 2.

⁴⁰ COLE, loc. cit.

por Platão, como um contraponto à verdade, ainda que se possa ter um bom uso dela quando subsumido o verossímil às regras da verdade. O mesmo se poderia estender, tivesse Cole o cuidado que demonstra em relação à retórica, a Górgias como *sofista*. É o próprio Platão também quem firma a uniformidade de um gênero, como ocorre sobretudo na *Apologia*, para dele retirar Sócrates. Não há, pois, diversamente do que afirma o *Górgias*, um conjunto de preceitos no V século que, ensinando as regras, modelem o verossímil com fins persuasivos a partir de uma arte retórica, em sentido estrito. Ao contrário, a persuasão como distinta do ensino, se aquela não for calcada na verdade, ou seja, a *retórica* como arte que se afasta do conhecimento verdadeiro dos valores morais, percute o escrutínio de Platão e por ele é estabelecida.

Além disso, como se viu, Górgias não podia participar diretamente dos poderes que, no diálogo, ele afirma que a retórica possui. Sendo assim, restando-lhe a possibilidade do ensino, este deveria ser modelado independentemente das formas de governo de cada *pólis*. Seria interessante imaginar a recepção deles fora de Atenas. Na Ática, no entanto, sem dúvida, o público visado era o de oradores ou de possíveis oradores. Destes, esperava-se a persuasão nas instituições atenienses em que a palavra tinha peso e espessura para tanto. Cabe, no entanto, verificar que os textos do V século, posteriormente classificados como *retóricos*, utilizam-se de procedimentos que, do ponto de vista da persuasão do ouvinte, podem ser considerados *arretóricos*.

É preciso assim distinguir o funcionamento do que opera no diálogo como próprio da finalidade persuasória das especificidades que marcam os textos do V século e as características que lhes são próprias; com efeito, se se notam as particularidades da prosa *ática* do período, como mostra Cole, o efeito é menos o de mover e agradar do que o de tornar mais inteligível os movimentos argumentativos. Analisando *A Oração Fúnebre* de Górgias, por exemplo, Cole ressalta-lhe as qualidades “*arretóricas*”: a rigidez decorrente da restrição no uso de partículas coloquiais; a dureza na sonoridade, evitando a ligação dos sons entre uma palavra e outra; o uso de uma sintaxe regular, precisa e complexa, diversamente do modelo de Heródoto e de Platão; a densidade argumentativa de que falava Cícero ao se referir aos antiquíssimos gregos: “*sententiis magis quam uerbis abundantes*”⁴¹; a

⁴¹ CÍCERO. *De Oratore*, 2, 92.

ausência de *éthos* discursivo; a aplicação buscando um efeito mais geral em detrimento do acúmulo de particularidades, como se verifica na contraposição de Tucídides a Heródoto. Afora o balanço sintático, que prolonga na prosa o efeito poético, as características da maior parte da prosa do período tem um efeito que escaparia da qualificação do que se traça como *retórico*:

*this prose is removed in one further way from anything ordinarily thought of as rhetorical: it is obviously a written prose, composed to be studied and deciphered by the eye as well as heard by the ear. Compactness, precision, regularity, and complexity are all more effective in a work composed for perusal at leisure than in one improvised for oral performance, and the syntactical features mentioned are probably essential components of the exactness (akribeia) regularly seen (Arist., Rhet. 3.12 1413b8-9) as characteristic of written rather than oral discourse. By the same token, harshness to the ear, formal stiffness, and lack of attention to euphony are more likely to be excused by a reader than by an audience*⁴².

Concomitantemente ao uso destacado da escrita, os textos do V século revelam também preocupações com os efeitos das apresentações orais. Como se disse, o público visado era o de oradores ou de possíveis oradores. O texto ático seria assim composto para adequar-se a questões próprias a reuniões políticas, judiciais ou epidíticas, ou seja, ser utilizado na maior variedade de situações possíveis em que se desse uma apresentação oral que necessitasse empregar alguns dos argumentos presentes nos textos. É o caso, afirma Cole, das *Tetralogias* de Antífonte e os *Dissoi Lógoi*. Mas, para além disso, o próprio texto poderia ser empregado em apresentações públicas:

*it would be easy for such practice and demonstration texts to become 'display' texts as well, pieces designed to show off the master's' skill to admiring amateurs as well as illustrate its workings to prospective professionals. Of the two complete works of Gorgias that survive, the Helen or 'Apology' for Helen and the Defense of Palamedes, the former probably belongs to this category. But its epideictic function has not been allowed to interfere with its pedagogical one*⁴³.

⁴² COLE, 1991, p. 74.

⁴³ Ibid., p. 75.

Em nenhum dos dois casos, no entanto, os argumentos seriam empregados apenas para o caso singular que apresentam. Ao contrário, os argumentos visam aos mais amplos campos de utilização, pois

there is to be, so far as possible, no case to which some of his arguments would not apply, and, as a consequence, no case to which all of them would apply. The particular situation, when it arises, will determine which of the arguments presented would be of actual use to pupil who memorized the sample piece ⁴⁴.

Assim, dependendo da situação ou da habilidade maior ou menor do falante, o texto escrito era mais ou menos elaborado para apresentações orais. Mas só a partir do uso primeiro, sempre independente de uma situação particular, passava-se ao segundo, ou seja, como *epideixis* do poder do que o autor professava.

Por isso os textos de Górgias devem ser compreendidos na especificidade de sua função, prospectivos para uma apresentação oral, mas escritos. Decorrendo disso seu uso pedagógico, como mimetização de uma situação específica cujo fim precípua é sua reutilização em ocorrências outras em que seus argumentos possam ser reapresentados.

O modelo daí resultante, compacto para ser mais facilmente memorizável, destaca também o elemento lúdico como adequado a seu uso educativo. Contrastando com seu emprego para fins de dominação política, tal como se apresenta no diálogo de Platão, o próprio Górgias aponta sua obra como brinquedo: “[...] like in the *Helen*, only more so, the result is a ‘toy’ (*paígnion*: cf. 21), but at the same time – also like the *Helen* in this respect – an educational toy”⁴⁵. Nesse sentido, o texto de Górgias pode empregar a paródia para contrapor argumentos, sempre tendo em vista seu valor pedagógico:

[...] even a certain element of self-parody is not excluded. Gorgias is on record as having appreciated the value of humor in countering the serious allegations of an opponent, and he may have been equally aware of the usefulness of parody and

⁴⁴ COLE, 1991, p. 76.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 78.

*pastiche as a mean for focusing students' attention and making their memories more retentive*⁴⁶.

Sendo assim, o texto de Górgias se lançaria prospectivamente ao jovem a quem se destinava, traçando contornos pelos quais se atenta mais apropriadamente para a função cumprida por estes textos modelares do V século como modelos argumentativos. Platão, ao contrapor o *dialogar* com seu uso de uma linguagem que mimetiza a fala, apresenta nele a personagem de Górgias falando como se escrevesse, ou seja, *gorgianizando*⁴⁷. O próprio efeito paródico utilizado por Górgias é produzido também por Platão, mas com efeito diverso: tudo se passa como se a comicidade da personagem adviesse de sua vaidosa seriedade, diversamente do modelo pedagógico que os textos supérstites de Górgias deixam entrever. Neles, nem se tem a persuasão como finalidade, nem se confirma uma dominação política.

Por fim, caberia melhor verificar detidamente nos textos do próprio Górgias a distância que neles se verifica entre a modelagem de Platão de uma personagem cuja atividade se enquadraria no ensino de uma arte com finalidades políticas. O debuxo aqui delineado buscou apenas tracejar como a mestria de Platão delineou uma personagem a partir de questões próprias da democracia ateniense e das inúmeras personagens platônicas, cidadãos ou estrangeiros, que aí figuram e se movem na ameaça de uma dominação de *lógoi* que, como Cálicles, não escutem nem discutam o *lógos* filosófico.

⁴⁶ COLE, 1991, p. 78-79.

⁴⁷ A montagem de Platão assim percute em muito comentário como *fidelidade histórica*, pois o intérprete assume a fala da personagem e a mimetiza como dado. Desse modo, por exemplo, opera Monique Canto: “C’est sans doute encore une imitation platonicienne, à la manière de Gorgias cette fois, dont le style est caractérisé par l’emploi de termes rares ou recherchés, tels ‘action manuelle’ (*kheirourgema*) – auquel Socrate substituera ‘travail manuel’ (*ergasia*, cf.450c), synonyme plus précis, plus courant, moins pompeux –, ‘exécution’ (*kurósis*) que Socrate remplacera par ‘accomplissement’ (*kyros*, cf.450e). Socrate commente du reste ce style gorgien dans le *Ménon* (76e): à Ménon qui fait une réponse à la manière de Gorgias, Socrate réplique en disant qu’il s’exprime de façon bien ‘tragique’ et majestueuse.” (PLATON, 1993, p. 135, n. 9). Mas isso é dar como evidência histórica um efeito paródico de Platão.

RESUMO

O artigo analisa as passagens iniciais do diálogo *Górgias* de Platão a fim de verificar como, ao responder a Sócrates, a personagem que dá nome à obra explica qual é sua atividade. A trama platônica urde Górgias como um professor cuja *tékhnē* tem por finalidade persuadir a multidão. O trabalho discute se é possível que uma *tékhnē* retórica se faça a partir da atividade do *rhétor* ateniense e seus vínculos com as instituições políticas de Atenas.

Palavras-chave: Górgias. Platão. Democracia. Retórica.

RESUME

Cet article analyse le début du dialogue *Gorgias* de Platon pour vérifier comment, en répondant à Socrate, le personnage qui donne le nom à l'oeuvre explique quelle est son activité. La trame platonicienne tisse Gorgias comme un professeur dont l'art a pour finalité la persuasion. Ce travail discute s'il y a la possibilité que l'art rhétorique trouve ses débuts de l'activité du *rhétor* athénien et ses liens avec les institutions politiques d'Athènes.

Mots-clés: *Gorgias*. Platon. Démocratie. Rhétorique.